

  
INSTITUTO  
FEDERAL  
Fluminense

# TRACOS de MEMÓRIA

## #2



Ilustração: KEZIA CAMPOS

EM CADA  
CANTO  
UM  
CONTO

PROJETO





Exemplar \_\_\_\_\_  
de 200 unidades.  
1ª Tiragem  
Macaé, Agosto de 2016.

Conte a sua história  
para nós!    
Projetoemcada.canto.um.canto@gmail.com  
facebook.com/projetoemcada.canto.um.canto

Ilustração: DÉBORAMORAIS

# ◆ QUE TEMOS PARA CONTAR?



4

TERROR  
DA  
NOITE

5

SAUDADES  
DOS TEMPOS  
DE OUTRORA

6

O RAPAZ  
QUE  
XINGAVA

7

A CASA  
DO  
LOBISOMEM

8

O  
VELÓRIO

9

NOIVA  
DE BRANCO

10

LOIRA  
DA  
PRAIA

11

LENDA  
DA  
LUZ

12

CASSINO  
DE  
CANTAGALO

13

EM BUSCA  
DE DIAS  
MELHORES

14

FANZINE  
EM  
PRODUÇÃO

15

FANZINE  
NA VOZ  
DE QUEM  
FAZ



Raphael  
Simples  
Wolf

Ilustração: RAPHAEL VIANA

**TRAÇOS DE MEMÓRIA 2** é uma publicação especial do projeto de extensão **IFANZINE** em parceria com o projeto de extensão **Em cada canto um canto**.

**Coordenadores:** Alberto de Souza e Andrea Gomes.

**Bolsistas:** Caroline Nunes, Débora Morais, Erika Gomes, Juliana Campos, Karollyne Castro, Kezia Campos, Mariana Santos, Nathalia Campanário, Raphael Viana, Sara Gaspar.

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense Campus Macaé.**

Rodovia Amaral Peixoto, km 164, Imboassica, Macaé-RJ. CEP: 27932-050

[www.facebook.com/iffanzine](http://www.facebook.com/iffanzine) / [www.facebook.com/projetoemcadacantoumconto](http://www.facebook.com/projetoemcadacantoumconto)

**Tiragem: 200 exemplares.**

Macaé, Agosto de 2016.

# O TERROR DA NOITE



Ilustração: SARA GASPAR

Relato de Juscélia de Jesus Miranda, 1º  
ano PROEJA/2015

Quando era noite de lua cheia, ninguém gostava de sair porque tinham medo do lobisomem.

Naquela época, eu morava com minha avó e, quando era noite, ela sempre pegava uma lata de querosene e colocava emborcada na cozinha. Ali sentava e me colocava do lado dela e ficávamos tremendo de medo, grudadinhas uma na outra. Eu tinha que passar por isso porque não entendia direito das coisas.

Quando escurecia, minha vó apagava o candeeiro, me beliscava, me cutucava e falava assim: "Minha filha! Lá vem o lobisomem!"

E depois escutávamos um a barulho: "Tufo! Tufo! Tufo! Tufo!" "Ri! Ri! Ri! Ri!"

Aí, ela pegava a lata e uns pauzinhos e começava a bater na lata: "Pou! Pou! Pou! Pou!"

E falava: "O lobisomem foi embora."

Mas, mesmo assim, nós quase não dormíamos em noite de lua cheia de tanto medo que sentíamos.

Todo dia que minha mãe, minha vó e eu estávamos juntas, minha vó contava essa história.

Minha mãe falava: "Mas não existe lobisomem!"

Minha vó respondia exaltada: "Tem sim, ele passa toda noite aqui!"

Então, minha mãe disse que dormiria lá para ver como era aquele lobisomem.

Um certo dia, ela resolveu dormir ali em casa conosco.

Quando chegou a noite, logo começou: "Tufo! Tufo! Tufo! Tufo!" ...

Minha mãe pegou um banquinho e colocou perto da porta, subiu e ficou olhando lá para cima.

Daí a pouco vinha um velho. Um velho com uma perna mais curta que a outra, por isso tinha que usar um tamanco de madeira para lhe dar altura que fazia o barulho: "Tufo! Tufo! Tufo! Tufo!"

Minha mãe abriu a porta e falou:

"Mãe, vem aqui ver o lobisomem da senhora!"

Minha vó chegou na porta e ficou toda escabreada.

E assim acabou a lenda do Lobisomem.

# Saudades dos Tempos de Outrora

Em uma família de oito pessoas e dois cachorros, lá estava o senhor Francisco morando em uma pequena área rural de uma propriedade entre Carapebus e Macaé, bairro que atendia por nome de Retiro. Ele trabalhava de segunda a sexta-feira e, apesar do cansaço físico, não deixava se abater.

O pai entrou em casa dizendo "Não quero ver ninguém parado hoje!".

Era sábio e ele gostava muito de alegrar seus filhos e toda sua família. Sabe como? Homem bastante motivado, improvisava instrumentos musicais para animar seu pessoal.

Após o jantar, providenciava os seguintes objetos: caixas de fósforos que funcionavam como chocalhos; duas colheres que juntas na mesma mão adquiria um tipo de som "tico-teco, tico-teco, tico-teco"; panelas e tampas funcionavam como pratos de uma bateria musical; baldes plásticos como tambor ou bumbo. Ele usava também um pente envolto

em uma sacola plástica para ter um efeito de gaita e, como não poderia faltar, em seu poder estava uma pequena sanfona.

Pronto, aí estava formado um grupo de músicos com os instrumentos improvisados. Ele cantava e tocava com colheres, já seus filhos, cada um tomou posse de um instrumento. Então dançavam, riam e até os cachorros pareciam entender o que acontecia naquele lugar: abanavam suas caudas, expressando felicidade.

As músicas eram variadas, tinha de tudo: forró, rock, samba, valsa, entre outros. Enfim, tudo era para levantar o astral de todos que estavam ali.

Homem sábio e amável era ele, juntamente com sua família trazia no sertão o entretenimento a todos, deixando para nós saudades que o tempo não apagou.

Texto produzido com base no relato de memória de Marina Souza de Azevedo Silva, 1º ano PROEJA/2015.

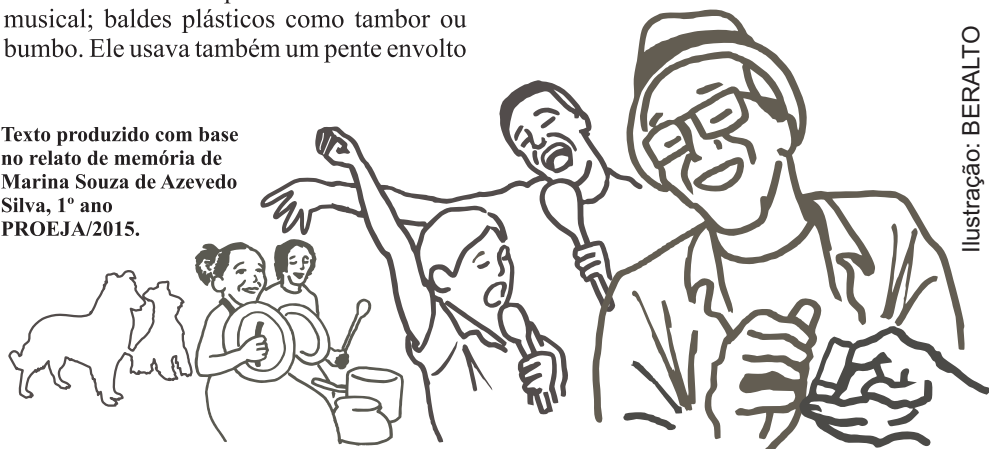


Ilustração: BERALTO



⊖ X  
RAPAZ  
que  
XINGAVA

Havia um homem que xingava muito. Então, ele começou a xingar, a xingar e a xingar. Ele xingava por tudo e, com raiva pegou seu cavalo. O cavalo começou a passar com ele nos buracos de formigas. Começou a ventar, surgiram aqueles redemoinhos e o homem começou a passar muito aperto. No final, o coisa ruim apareceu e falou com ele: "Você não gosta tanto de xingar? Agora estou te ajudando!". O homem ficou com tanto medo que nunca mais xingou.

Relato de Fabiola Gomes, 1º ano PROEJA/2015





Como um conto, uma lenda ou uma daquelas histórias de terror que contam para nos amedrontar: era o que falavam da casa, um casebre na verdade, muito antiga. As janelas eram feitas de tábuas que davam para a rua e as portas não se viam, com certeza, a única dava para o quintal dos fundos.

A frente à casa ninguém parava para observar, havia um ar de desolação naquele ponto da rua. Diziam os vizinhos que morava um LobisOMEM naquela casa, e este só saía à noite. De fato, era raro ver as janelas abertas, mas mesmo pela raridade, supunha-se que alguém morava ali.

Foi quando eu, aos oito anos, voltando da escola resolvi não

cortar caminho pelos sítios vizinhos porque estava sozinho, passei em frente daquela casa e percebi que uma das janelas estava aberta.

Assustado e me aproximando da janela vi um ser, por assim dizer, somente a cabeça coberta de pelos. Pude ver, quando aquele ser estava vindo em direção à rua, não pude me conter e corri, como todas as crianças que sabiam do fato correram também.

O tempo passou, a casa não existe mais. Somente a lembrança de uma criança que logo deu espaço a tanta dor, por saber que quem morava naquela casa era um homem doente, meu primo por parte de avô.

**Relato de Wellington Pereira Xavier, 1º ano PROEJA/2015**

# O Velório

Ilustração:  
SARA GASPAR



Certo dia, em um pequeno bairro da cidade de Cachoeiras de Macacu, tinha falecido um amigo do meu avô. Naquele dia, estava acontecendo o velório dele e havia poucas pessoas. Antigamente as casas eram feitas de bambu e barro e os corpos eram velados dentro de suas próprias casas.

Ali no espaço onde estava era realizado o velório, logo havia quase todas as pessoas da cidade. Muitos estavam chorando, outros conversando, quando uma senhora disse:

"Vamos rezar, pois o velório está quase no fim."

Todos, então, foram rezar pela alma daquele "senhorzinho". Com os olhos fechados e antes que

começassem a rezar, ouviram um barulho estranho, como de uma voz meio rouca e quando abriram os olhos o "morto" estava sentado no caixão. E estava vivo! Todos os que estavam ali correram tanto que quebraram as paredes que eram feitas de bambu e barro e gritavam muito.

Meu avô, quando olhou para o morto, viu que ele estava rindo e chamando todos de volta e não estava entendendo nada.

Ele não tinha morrido, apenas passou mal e tinha sido dado como morto.

E até hoje ele é chamado de fantasma.

Relato produzido por Bruna Izabel, 1º ano PROEJA/2015, baseado na entrevista feita com sua mãe.



# Noiva Branca

Estávamos em casa, quando ficamos sabendo de um acidente que matou um casal de noivos no dia de seu casamento. Essa notícia correu a cidade muito rápido. Dias e meses se passaram, até que em uma noite chuvosa escuta-se um barulho entre as palhas de cana, olhei pela greta da janela e avistei uma moça muito formosa com um belo vestido de noiva. Fiquei preocupada e também curiosa porque não entendi o motivo daquela noiva estar correndo no canavial e por que seu vestido estava tão limpo. Então, eu saí para abrir a porta e, quando olhei para os lados, não avistei mais a noiva em canto algum.

No outro dia, comentei com os vizinhos que também haviam notado a presença dela. Passava-se o tempo e a noiva sempre corria pelo

canavial à meia noite. Pensei, então, em vigiar para ver se realmente era a noiva do acidente. E assim o fiz.

Chegou a noite, olhei a janela e lá estava ela. Chamei, gritei e ela não me atendeu! Então chamei meu marido que era rezador de missa para ele confirmar a cena: se era realmente uma alma que estava vagando. Ai, ele disse: — Alice! Ela é o espírito da noiva do acidente!

— Palmiro, pelo amor de Deus, ajude essa menina!

Ele começou a rezar e ela não atormentou mais minhas noites de sono. Mas até hoje conto essa história da noiva que passa batendo de casa em casa a procura de seu noivo tão amado que encontro a paz.

**Relato de Isabella Mendes 1º ano PROEJA/2015, baseado na entrevista feita com Alice Mata Mendes.**



# A LOIRA DA PRAIA



Numa tarde, eu conheci uma senhora que me contou sobre uma mulher que morava numa casa na praia. Era só ela e a mãe.

Um dia a mãe dela se foi e ela ficou sozinha, mas não queria sair de lá. O tempo foi passando, passando, e ela insistia em ficar na casa. Até que morreu e ficou pensando na praia da Enseada.

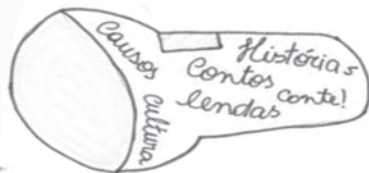
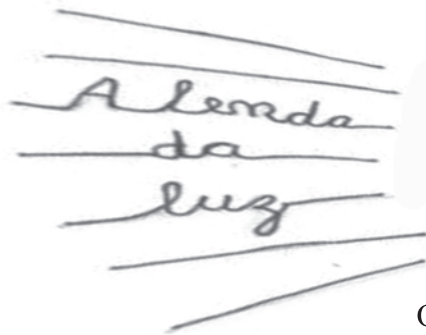


Sempre que alguém passava na praia, via uma mulher loira e se assustava.

Então, derrubaram a casa e só assim ela sumiu. Nunca mais ouviram falar dela.



Relato de Eliete Clemente da Silva,  
1º ano PROEJA/2015



Há muitos anos atrás, foi contada por minha família uma história sobre uma luz. Ela aparecia atrás do morro que dava de frente para a casa dos meus familiares.

Todas as noites, eles se reuniam na varanda, ficavam conversando e olhando para o morro que atravessava de um lado a outro.

Ao ficar observando o morro, aparecia uma luz muito intensa que deixava todos perplexos. Esta luz, o povo chamava de "Mãe de Ouro".

Eles contavam que se alguém subisse no morro e colocasse a mão nessa luz ficaria milionário, mas isso tudo não passava de uma lenda, pois ninguém tinha coragem de subir naquele morro e ir atrás daquela luz.

Queriam ficar milionários, mas subir lá ninguém queria, tinham um certo medo de ir e não voltar mais.

O pessoal passava horas e horas observando aquela luz que, aos poucos, ia desaparecendo atrás do morro e tudo ficava escuro. Este mistério ninguém desvendou. Hoje em dia, não se tem mais o hábito de se sentar numa varanda para contar histórias. Hoje a geração mudou bastante. Mas essa lenda é contada de geração em geração.

**Relato de Raylane Apicelo (1º ano PROEJA/2015) baseado no relato de Maria Amélia, sua mãe. Relato recolhido em 09/10/2015.**





# CASSINO de CANTAGALO

Cheguei a Cantagalo, bairro de Rio das Ostras/RJ há 20 anos e tomei conhecimento de uma lenda de um cassino administrado pelos supostos grileiros daquelas terras.

Havia um Cassino em Cantagalo frequentado por Roberto Carlos, Pelé e outros nomes famosos.

Naquela roleta, todos que ganhavam não conseguiam sair com o prêmio. Assim que saíam da roleta, tinham que passar por matas, rios para chegar à Rodovia Amaral Peixoto e, dias depois, esses ganhadores eram encontrados mortos, sem dinheiro e sem seus pertences.

A lenda diz que isso era feito pelo fazendeiro ou pelos seus jagunços, na verdade ninguém sabe. O que se sabe é que esse cassino era frequentado por muitas pessoas famosas que chegavam de helicóptero ou vinham de navio até Macaé e, então, eram levadas de carro de boi ou carruagem até o Cassino, mas sem sucesso para suas rendas.

O Cassino acabou, com a Reforma Agrária sua área foi transformada e até hoje

ninguém sabe o paradeiro dos ganhadores, nem tampouco do dinheiro ganhado na roleta, só se sabe que houve apenas perdedores.

**Texto produzido com base no relato de Genuir dos Santos/IFF, entrevistado por Raila, 1º ano Meio Ambiente/2015**

Ilustração: MARIANA SANTOS







Em busca  
de dias  
Melhores...

Eu saí de interior de Campos e lá as coisas eram muitos difíceis. Passei por várias dificuldades na vida. Trabalhava com meu pai que era fazendeiro, às vezes, ele ficava chateado comigo e não aceitava o que eu fazia. Eu saía para jogar futebol, meu pai ficava bravo comigo. Eu também ficava triste porque não tinha uma moto nem um carro para dar um rolê. Além disso, não tinha internet nem onde fazer

um curso técnico.

Foi quando resolvi botar um mochilão nas costas em 2009 e partir para a cidade em busca de dias melhores.

Hoje tenho muito a agradecer a Deus, também ao meu pai, minha mãe e meus amigos por ter vindo para a cidade. Hoje tenho um emprego, estou fazendo curso técnico, tenho meu filho e uma moto para dar um rolê na cidade.

Se eu soubesse, teria vindo a mais tempo para a cidade. Hoje tenho minha liberdade para estudar, trabalhar, jogar futebol...

A vida é feita de desafios?





Reunião de fanedição

# FANZINAGEM na voz de quem faz

Considerações das bolsistas do projeto **EM CADA CANTO, UM CONTO** por ocasião do lançamento do zine **Traços de Memória#1** em março de 2015.



Projeção

## RELATO DE CAROLINE NUNES

Trabalhar em conjunto com o Projeto IFanzine foi uma experiência gratificante de aprendizado.

Trabalhar com uma estrutura de revista, tão flexível e livre, sem se prender a normas preestabelecidas, tamanhos, fontes ou cores foi algo muito inovador para mim. A princípio, iríamos contribuir somente com o conteúdo, histórias coletadas pelo projeto (Em cada Canto um Conto), mas tivemos a oportunidade de executar muitas outras coisas como o desenho, corte e colagem; e trabalhar para criar o que foi a revista "Traços de Memória". Desde o nome da revista, o grampeamento da revista artesanal, o lançamento, até as oficinas em duas escolas em que tivemos a oportunidade de apresentar a revista à comunidade; em tudo participamos, contribuindo para uma bagagem acadêmica muito mais rica de experiências enquanto estudante, e cada vez mais animada a coletar e registrar histórias, valorizando a cultura de nossa região, enquanto bolsista do projeto "Em cada Canto um Conto".



Impressão

## RELATO DE ÉRIKA GOMES FREITAS

Com certeza, conhecer o "jeito fanzine de produzir" foi uma descoberta para a vida. Afinal, não é todo dia que se tem a liberdade de produzir as coisas da forma que quiser. No início, existiu uma espécie de trava, um pouco de "não saber muito o que fazer", ou "por onde começar". Mas assim que é dado o primeiro passo, muitos outros vão acontecendo, sem que a gente se dê conta. Assim aconteceu, até vermos o resultado, a primeira edição do "Traços de Memória". No decorrer da produção, me vi apostando em todas as áreas que sempre admirei, mas nunca me arrisquei.

Um exemplo foi parar para fotografar os barcos da Rua da Praia (Macaé), lugar que muitos da cidade passam diariamente, mas nunca observam de fato. E lá estava eu, procurando vários ângulos e cores que pudessem levar um toque a mais para o nosso fanzine. Depois, me arrisquei em desenhar, fazer colagens e tudo que mais pudesse ilustrar as histórias escolhidas em nosso projeto. Por mais que tenha sido um pouco desafiador, demorou pouco para tornar-se totalmente prazeroso. Sem contar que a parceria foi feita com uma equipe talentosa, cheia de ideias e sem medo de arriscar, que é a equipe do IFanzine. Só poderíamos terminar em sucesso, sem mais.



Mutirão de acabamento



Zines finalizados



Noite de lançamento





O termo Literatura Oral, segundo Câmara Cascudo, reúne o conto, a lenda, o mito, as adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, enfim, todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos. O projeto **Em cada canto, um conto**, visando diminuir a disparidade entre o currículo formal e o ensino da transmissão oral de tradições, abre espaço para a socialização de experiências culturais dos alunos do ensino médio integrado, envolvendo tanto textos de tradição oral como relatos de histórias de vida.

O zine **Traços de Memória** nasceu da parceria com o projeto de extensão **IFanzine**. Um dos princípios da fanzinagem é a troca. E o que não faltou foi o compartilhamento de muitas ideias, da seleção das histórias à ilustração das mesmas.

Nessa segunda edição, além dos relatos de histórias de vida, foram selecionadas histórias contadas nos grupos familiares, naqueles momentos em que os mais velhos se reúnem com os mais novos e promovem verdadeiras contações de histórias, seja com o propósito de promover algum ensinamento ou apenas um momento de diversão. E você, que histórias são contadas na sua família? Já se reuniu para compartilhá-las? Que conto você conta?